



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

OS BICHOS de SEDA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑE

O Paulo entrou em casa dos pais com nariz de palmo e meio. Trazia uma caixa debaixo do braço.

— «Então, meu filho? — interrogou a mãe. — Qual foi a prenda do teu padrinho?»

Assomaram lágrimas aos olhos do pequeno:

— «Foi isto...» — respondeu, atirando a caixa para cima duma cadeira.

— «Ah!... E' verdade! — (ajuntou) — também me deu cinquenta escudos, o grande forrêta...»

— «E o que tem dentro a caixa?»

— «Sei lá, mãezinha!... Uma porcaria qualquer!... Diz que são bichos de seda!... Está-se mesmo a vêr que todo êsse cisco se vai transformar em seda!...»

— «E tu não estás contente, Paulo?»

— «Pudera!... Aquele «grandecíssimo» sovina andava sempre a prometer-me uma boa prenda para quando eu fizesse dez anos!... Eu acreditei!... E estava à espera duma bicicleta de duas rodas, ou de um relógio de pulso dos bons, ou duma bela máquina para *filmar*. Afinal... dá-me esta porcaria!... Palavra!... Quando êle me mostrou isto, senti cá por dentro tamanha raiva, que só me apetecia atirar-lhe a caixa à cara!... Nem lhe agradeçi!...»

— «Cala-te!... — ralhou a mãe — não consinto que continues a dizer

disparates e a mostrares-te ingrato para com o padrinho. E como castigo, vou tirar-te os bichos de seda e entregá-los a tua irmã, para que trate dêles. Mas também o rendimento que derem, será única e exclusivamente para ela... E agora vai preparar-te para o jantar...»

Paulo foi para o quarto. Sentou-se na cama, a resmungar:

— «Olha o grande castigo!... Quero cá saber dos bichos e do rendimento... Faço idéa que não-de render grande coisa!... Aquele cisco com certeza terá muita utilidade!... Ora esta!... Castigo é para a Mariazinha, que terá que lidar com aquela imundície!...»

E não voltou a preocupar-se com os bichos de seda.

Tempos depois, notou que a irmã, muito atarefada, ia e vinha, do quintal para o sótão, do sótão para o quintal.

— «Que andas tu a cirandar?» — perguntou, curioso.

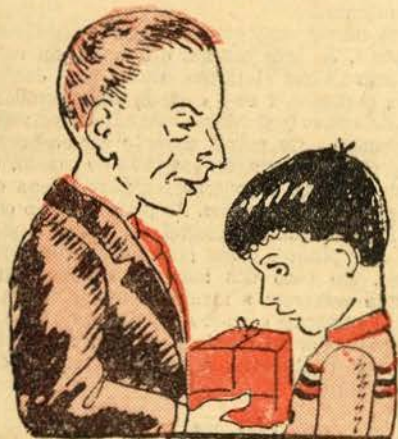
— «Ando a acarretar fôlhas para os meus bichinhos» — respondeu a Mariazinha.

— «Fôlhas de quê?»

— «Fôlhas de amoreira, pois de que não-de ser? Os bichos de seda não comem outra coisa!...»

— «Ah! ah! ah!... deixa-me rir!... Os ciscozitos não-de comer grande coisa!... *Tadinhos* dêles!...»

— «Essa, agora?! Tu chamas cisco aos bichinhos?»



— «Pois então?!... Talvez quizesse que lhes chamasse excelentíssimos senhores produtores de sêda!...»

— «Não faças troça!... Se visses como são engraçadas as lagartinhas, muito pequeninas, sempre a comer... a comer...»

— «Faço idéia!...»

— «E' certo, acredita!... Olha!... Algumas já começam a largar a pele!...»

— «A largar a pele, para qué?»

— «Então tu não sabes que os bichos de sêda, mudam quatro vezes de pele?»

— «Eu não!... Nem me interessa!... — disse o Paulo.

— «Então se não te interessa, para que preguntaste?» — respondeu Mariazinha, afastando-se com o avelar a abarrotar de fôlhas de amoreira.

Paulo ficou pensativo. Bem desejaria ir com a irmã até ao sótão!... O pior era se a mãe sabia!... Ela proibira-lhe a ida ao sótão!... Pelas criadas sabia que a mãe mandava limpar cuidadosamente o quarto grande e nêle colocára grandes taboleiros para os bichos de sêda. Tôdas as manhãs e tôdas as tardes ia uma criada ajudar Mariazinha na limpeza dos taboleiros. Ora!... Mas isso era trabalho!... E para trabalho já sobejava o que tinha com as suas lições!... Não interessava!...

Mas agora, que em vez de cisco, havia nos taboleiros lagartas que largavam a pele, como qualquer de nós larga um vestido velho, o Paulo sentia-se morrer de curiosidade.



E nessa noite, depois de tudo deitado e sossegado, descalçou-se e, pé ante pé, subiu as escadas que dão para o sótão. Mas uma desagradável surpresa o esperava. A porta do quarto grande, estava fechada à chave. Desolado voltou para o seu quarto. E toda a noite ele se revolveu na cama, sem poder dormir, a pensar nos misteriosos bichinhos de sêda.

Decorreu mais algum tempo. Agora as fôlhas das três amoreiras que havia no quintal, eram transportadas, em cestas, pela Mariazinha e pela criada. Só as colhiam de manhã muito cedo, antes que o sol batêsse nas árvores, ou de tarde, depois do sol-pôsto. Nunca se devem dar as fôlhas quentes ou molhadas aos bichos de sêda.

Um dia o Paulo, depois de ter observado as idas e vindas da Mariazinha, não pôde conter-se. Chegou-se a ela e, muito humilde, pediu:

— «Mariazinha, fazes-me um favorzinho?»

— «Que é?» — interrogou a irmã.»

— «Pedes à Mãezinha que me deixe ajudar-te a tratar dos bichinhos?»

— «Ai agora os ciscos já são bichinhos?»

— «Não sejas mázinha, lindinha Mariazinha!...»

— «In!... O que aí vai de *inhos* e *inhas*!... Bem!... Sossega!... Vou pedir à mãezinha que te perdôe!...»

Dafá pouco a mãe chamava o Paulo e dizia-lhe:

— «Vá lá!... Estás perdoado, por atenção com a tua irmã...»

— «Muito obrigadinho, queridinha mãezinha!...» — gritou ele, aos saltos, muito contente.

— «A mim nada tens que agradecer. Agradece à Mariazinha!...»

Paulo deitou a correr em direcção ao sótão.

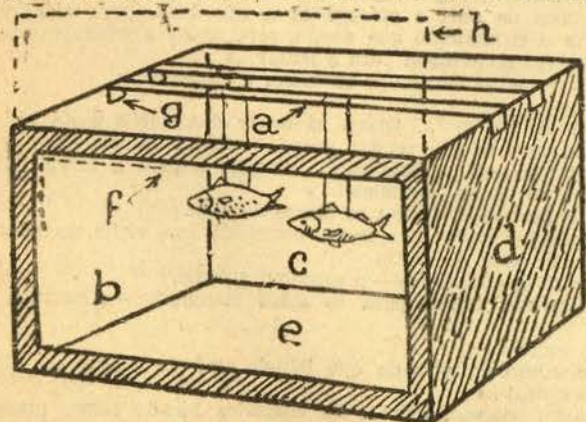
E' aberta a porta do quarto grande, logo se lhe deparou um espectáculo inesperado:

Sôbre os taboleiros cobertos de fôlhas de amoreira, enormes lagartas comiam, comiam sem descanso. As fôlhas desapareciam, devoradas por aquêles bichinhos vorazes, que não cessavam de roer.

— «Mariazinha — bradou o Paulo, de repente — há aqui lagartas mortas!...»

AQUÁRIO — A NOSSA CONSTRUÇÃO DE HOJE

INSTRUÇÕES: colar primeiro a página 8 em cartolina e depois recortá-la, tendo o cuidado de deixar nas plantas marinhas uma base, para dobrar, com o fim de se poder



rem colocar de pé, no fundo do aquário, excepto o caranguejo.

O aquário deverá ser construído em cartolina.

Terá a forma duma caixa, como indica o desenho junto. E' fácil de executar mas, no caso dos meninos terem dúvidas ou dificuldades na sua construção, qualquer pessoa amiga os poderá orientar.

Também poderá servir uma caixa de sapatos, deixando a tampa na parede f. As três paredes e o fundo da caixa serão forrados com papel lustroso azul, por dentro: b, c, e, d. A linha pontuada f será cortada para simular o vidro do aquário. Este lado poderá ser formado de celofane, mas não é indispensável. Os peixes deverão ser suspensos, com duas linhas pretas cada um, dumas tiras de cartão, (a) dobradas nas extremidades, e poderão ser várias para que os peixes fiquem em sitios diferentes. As plantas serão colocadas o mais próximo do fundo, possível. Cada qual poderá colorir os peixes e as plantas o seu gosto, com cores vivas mas transparentes. No caso dos meninos construírem a caixa, é conveniente deixarem a frente de maior altura h, para não se verem as tiras de cartão. As dimensões são, c e e 17 centímetros e meio por 25 centímetros, e b d 17 centímetros e meio por 15 centímetros. A frente h terá 25 centímetros por 20 de altura.

VER CONSTRUÇÃO NA PAGINA 8



— «Aonde?»
 — «Aqui!... Não vês?»
 — «Não estão mortas!... Estão na muda... Espera!... Vou mostrar-te algumas a mudarem de pele. Olha!... Cá está uma!...»
 — «E' verdade!... Que engraçado!... A pele velha a escorregar, a escorregar...»

Daf em diante eram os dois irmãos que tratavam dos bichos, davam-lhes de comer, limpavam os taboleiros, etc.

Mas um dia, quando o Paulo se preparava para encetar as limpezas, notou que algumas das lagartas, aos cantos dos taboleiros se entregavam a trabalho exquisto: moviam-se dum para outro lado, com um fiozinho muito fininho e brilhante a sair da boca, sem fazerem caso das fólhas que até aí tanto os entusiasmavam.

— «Mariazinha!... — chamou êle. — Vem cá depressa!... Os bichinhos estão doentes!... Estão a babar-se!...»
 — «Olá! — exclamou a irmã — já começam a fazer casulo!... E' preciso pediz à mãzinha que nos mande dar ramos de carqueja ou giesta!...»

— «Para quê?»
 — «Para êles fazerem o seu casulo à vontadinha!...»
 — «Mas o que é isso de casulo?»

— «Casulos são uns envólucros, uma espécie de casinhas que os bichos vão tecendo em volta dêles, com o fio de sêda que lhes sai da boca...»

— «E depois?»
 — «Depois, ficam lá encerrados. E ao fim de algum tempo rompem os casulos e salem cá para fóra, em forma de borboleta...»

— «E são bonitas, as borboletas?»
 — «Nada bonitas. São pesadas, com quatro asas e oito pernas... Depois verás...»
 — «E dêesses casulos donde salem as borboletas é que se faz a sêda?»
 — «Não. Esses ficam inutilizados. Só se aproveitam os outros...»
 — «Mas então... Nem tôdas as lagartas se transformam em borboletas?»
 — «Não, porque a gente não deixa. A maior parte dos casulos, poucos dias depois de formados, serão metidos numa bacia cheia de água bem quente, a-fim-de se matarem as crisálidas. Chamam-se crisálidas os bichos que estão dentro do casulo...»

— «Coitadinhos!...»
 — «Só ficarão alguns casulos com a crisálida viva, para semente. Porque as borboletas, que salem das suas casinhas, serão os pais e as mãis dos futuros bichos de sêda...»

— «Então há borboletas machos e borboletas fêmeas?»
 — «Exactamente... As borboletas fêmeas porão muitos ovos, muitos, que depois, na primavera, se abrirão para dar saída aos tais ciscozinhos da tua embirração!...»

— «Ai, crédo!... Não me fales mais nisso!... Estou tão arrependido!...»
 E depois duma pausa, continuou:

— «Ouve cá, Mariazinha!... Onde aprendeste tu isso tudo?»
 — «Estudei, pois então? Pedi ao paizinho que comprasse livros sobre a cultura de bichos de sêda...»

— «Boa idéa!... Então, também sabes como, depois, a gente há-de tirar a sêda dos casulos!...»

— «A gente? Quem?»
 — «Nós!...»

— «Nós não tiramos a sêda dos casulos... Logo que os tivermos todos preparados, metê-los-emos dentro de caixotes, que enviaremos para a fábrica de fiação de sêdas do teu padrinha... E ali é que as operárias, já muito treinadas nesse serviço, desenrolarão os fios que formam o casulo. E com êsses fios se farão os tecidos de sêda, de que tanto gostamos...»

— «Muito obrigado pelas tuas explicações, minha querida Mariazinha... Hoje mesmo irei a casa do padrinho, se a mãi dêr licença, agradecer-lhe de todo o meu coração, a oferta que me fez no dia dos meus anos. E aproveitarei para lhe pedir perdão das maneiras indelicadas que para êle tive nessa ocasião. Achas bem?»

— «Muitíssimo bem!... E agora basta de conversa!... Vamos ao trabalho!...»



MILAGRE DE JESUS

Por MARIO S. GIL

Um sábado, o Deus Menino
 Num horto estava entretido
 A fazer uns passarinhos
 De barro amarelecido.

Quando por Êle passou
 Um velhote fariseu
 Que lhe disse, carrancudo,
 Supondo-o um simples plebeu:



— «Rapaz, quem trabalha aos sábados,
 Falta à lei dos seus maiores!
 Tu, a lei não respeitaste,
 Faltaste-lhe aos seus rigores!»

Jesus olhou para o velho
 E respondeu, com ternura:
 — «Eu não trabalho. Eu só crio,
 Como verás..., criatura!»

E, dirigindo-se ao barro,
 Volve, então, mais dôcemente:
 — «Voai, voai, avezinhas...
 Voai, cantando sòmente!»

(Continua na pagina 5)

O PRESTIDIGITADOR

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de ARCINDO

PERLIM-pim-pim» era um admirável prestidigitador. Com um simples baralho de cartas, uma bandeirinha portuguesa, um lenço, uma garrafa de vinho e um revólver a fingir, fazia as coisas mais extraordinárias que possam conceber-se: — O ás de paus transformava-se, à vista dos espectadores, em ás de copas, por artes de berliques e berloques; a bandeirinha portuguesa multiplicava-se numa série interminável de bandeirinhas; todas as nações do mundo, que nem bruxedo, o mágico revólver, ao disparar, alvejando o alvo, fazia com que a bala

viesses, de ríochete, enfiar-se, novamente, no cano da arma, etc, etc.

O público pasmava da perícia com que eram executadas estas sortes de prestidigitação e aplaudia, delirantemente, o nosso «Perlim-pim-pim».

Ora, uma noite, entre o numeroso público que assistia, maravilhado, ao belo espectáculo, «Perna de Pau», «Pencudo» e «Zé Bucha», três valdevinos que eram conhecidos por estas alcunhas, começaram fazendo irreverentes comentários, em voz alta, afirmando que tais habilidades eram muito fáceis de fazer e que a eles, grandes espertalhões, ninguém os in-

B È B È ' ' F O M I T A ' '



À mesa, ao lado da Mãe, Bèbè come o que lhe dão, portando-se muito bem, com imenso «juizão».

Em dada altura, porém, numa voz que quási grita, o Bèbè diz para a Mãe: — «Ó mamã. Bèbè «fomita»!»

Responde a Mãe: — «Tens fominha?! Come, então, mais, que ridita!» Mas ela torna: — «Mãezinha, Bèbè «fomita», «fomita!»



Pois come mais, Amor santo, come, come até faltar!» torna a Mãe mas, entre tanto, Bèbè põe-se a vomitar.

Minutos depois, ao erguer da mesa, Bèbè clamava: — «Eu bem lhe estava a dizer, ó mamã, que «fomitava»?!

trujava com duas tretas. Claro está que tão injusta apreciação escandalizou grande parte da assistência, a qual, entre vivos protestos, e gritos de: — «fóra, fóra!...» exigiu que a polícia expulsasse da sala os três basofeiros e parlapatões.

Indignados pela forma como haviam sido postos na rua, sem a mínima consideração por suas *importantísimas* pessoas, resolveram provar, uns aos outros, que eram capazes de repetir as sortes de prestidigitação, a que tinham assistido, com toda a «limpeza», isto é: — com a máxima perícia.

Cheios de basófia, entraram na primeira taberna que encontraram aberta, convenceram o dono da casa a empres-



tar-lhes um revólver, uma garrafa de vinho e um baralho de cartas e dispuzeram-se à prova das suas afirmações.

Princípiou o «Perna de pau» que não fez senão tolices, claro está, no meio da grande troça do taberneiro, do «Pencudo» e do «Zé Bucha».

— «Eu é que sou capaz de fazer o que fez o «Perlim-pim-pim». — dizia o Pencudo, ingenuamente convencido da sua superioridade e de que para ele coisa alguma era difícil.

Então, pegando no baralho de cartas e dando mil piruetas, tão evidente batota fez, que o taberneiro acabou por desinteressar-se, voltar-lhes as costas e dizer-lhes, com desdém — «Outro officio, meus amigos!»

— «Vocês são uns palermas!...» exclamou, por sua vez o «Zé Bucha», acrescentando com balófa arrogância: — «Eu é que vou provar-lhes que trabalho tão bem como o «Perlim-pim-pim». Porém, tão desastrosamente tentou imitar o célebre e exímio prestidigitador, que logo se levantou grande discussão entre os três e acabaram por se envolver à pancada.

Tais sovas deram uns nos outros, que o «Perna de pau» ficou sem pau na perna, o «Pencudo» a escorrer sangue da penca e o «Zé Bucha» com o bucho aberto.

Levados para o hospital, onde permaneceram alguns dias, transitaram para a cadeia do Limoeiro, onde juraram, a si próprios, nunca mais serem basofeiros e passaram a ter o maior respeito pela competência de cada qual.

*

Meus meninos: — Nesta pequenina história, há um conceito que deveis ter, sempre, bem vivo na memória. A competência é sempre a resultante de longas experiências, le preparação lenta e de estudo prévio. Nada, na vida, se consegue sem estes três factores indispensáveis para o êxito de qualquer tentativa, seja uma sorte a prestidigitação, um exercicio literário, científico ou artistico.

MILAGRE DE JESUS

(Continuação da pagina 3)

E os passarinhos voaram,
Numa ascensão milagrosa,
Soltando cantos divinos
Com doce voz, maviosa!

E logo as flores silvestres,
Sorriram de agradecidas,
Sorriram campos e selvas
E as almas mais doloridas!

O fariseu, encantado,
Retirou-se, murmurando:
— «Ele é Deus, é o Criador
Disfarçado em miserando!...»

E Jesus, sempre modesto,
Na humílima choça entrou,

A N E D O T A S

Por MANUEL FALCÃO

Acabando de cortar o cabelo a um freguês, pergunta-lhe o barbeiro:

— «Deseja fazer mais alguma coisa?»

Resposta do freguês, que era ainda um garoto:

— «Já agora... faça-me a barba, também.»

Ao ouvir tal, o barbeiro puxa de um banco e senta-se à porta, canta-

Ante uma cruz, que fizera,
Por largo tempo rezou...

Rezou... p'ra seu lenitivo,
Pedindo a Seu Pai perdão
Para os homens pecadores
E para aquele ancião.

rolando baixinho, a vêr quem passa...

O freguês, já farço de esperar, pergunta:

— «Então, não vem fazer-me a barba?»

Resposta do barbeiro:

— «Vou, vou, mas... estou à espera que ela lhe nasça!»

*

Um dia estando um sujeito, com seu filho, a arrumar uns livros já velhos, a certa altura, este interroga-o:

— «O' pai, os ratos devem ter ódio aos sábios, não devem?»

— «Porquê — inquire o pai.

— «Porque eles têm ruído os livros quási todos!»

*

Certa noite, entre três irmãos, que dormiam no mesmo quarto, estabele-

CONCURSO: -Grandes de Portugal



60

Grande figura de artista,
Temos, agora, um pintor
Que fazia maravilhas,
Cheias de brilho e de côr.

Os seus quadros eram sempre
Qualquer coisa muito bela,
Eram um mundo de encanto
Sôbre um pedaço de tela.

E' que neles punha sempre
Tôda a alma e coração,
Por isso, muito admirados
Sempre foram e serão.

De uma família de artistas,
Ele veio confirmar
Este adágio que diz: — «filho
De peixe, sabe nadar.»

Muito honrou, com sua arte,
Este torrão lusitano,
Sabeis, de-certo, quem é...
Chamava-se



61

Filha de el-rei de Castela,
Seu pai a casou, um dia,
Com Henrique de Borgonha,
Que a seu lado combatia,

Dando-lhe aquele condado,
Que se tornou imortal
Com prodígios nunca vistos,
E se chama Portugal.

Em breve, na sua mente
Esta idéa entrou asinha:
Deixar de ser só condessa
Para tornar-se rainha.

Seu filho, por vís intrigas,
Foi-a, um dia, combater
E ela lá foi prisioneira
Para um convento sofrer.

Foi mãe do primeiro rei
Que houve em terra portuguesa,
Sonhou torná-la bem livre!...
Chamou-se



62

Guerreiro de grande fama,
Contra a moirama lutou,
E, quer na terra ou no mar,
Quási sempre os derrotou.

Também foi seu inimigo
O malvado Satanaz,
Que um dia jurou perdê-lo,
Pois de tudo êle é capaz.

Transformando-se em veado
Fê-lo à doida galopar,
Lançando-se, dentro em pouco,
No grande abismo do mar.

Porém, vendo-se perdido,
O cavaleiro, com fé,
Suplicou que lhe acudisse
A Virgem da Nazaré.

E a linda Nossa Senhora,
Cheia de amor e carinho,
Fez estacar o cavalo,
Salvou

ceu-se uma animada e longa conversa-
ção. Como o mais velho estivesse
já aborrecido e quizesse dormir, pro-
pôs aos outros que aquele que pri-
meiro adormecesse, ganharia dez tos-
tões. Adormeceram.

No dia seguinte, ao almoço, o mais
velho lembra:

— «Já sabem que vocês devem-me
dez tostões?»

— «Não, senhor! Vocês é que me
devem, porque fui eu o primeiro a

adormecer!» — acrescentou o mais
novo.

— «Como o sabes?» — pregutaram-
lhe, então, os outros.

— «Sei-o, porque bem vi que vocês
ainda se mexiam, quando eu estava já
a dormir!»

*
* * *

Outra vez, o mesmo garoto vendo a
mãe a colocar em cima da mesa, uma

latinha com algodão humedecido num
líquido violáceo, interroga-a:

— «Para que serve isto, maizinha!»
— «Não mexas, filho. Isso é para
matar as mósca!»

— «Ah!... lá me parecia!...»
— «Porque dizes isso?» pergunta a
mãe.

— «É que vi, há pouco, umas mós-
cas mortas a andarem sôbre a mēsa.

O CESTINHO DA COSTURA

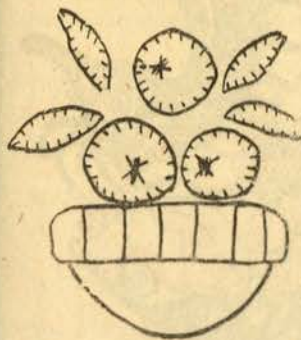
SECÇÃO PARA MENINAS — Por ABELHA-MESTRA

Uma carteirinha, eis um adorno engraçado que a tôdas, por certo, encanta!

Adivinho a vossa predilecção e certa estou que a sua posse será um motivo de grande alegria!

Dando-vos o desenho do bordado que esta carteirinha enfeita, facilmente conseguirão fazê-la, pois a Mãezinha, a Avó ou a tia, cortarão o molde na fazenda e, depois, já nada custa acabar.

A fazenda deve ser dupla para no meio se poder meter um cartão, tornando-a, assim, mais consistente.



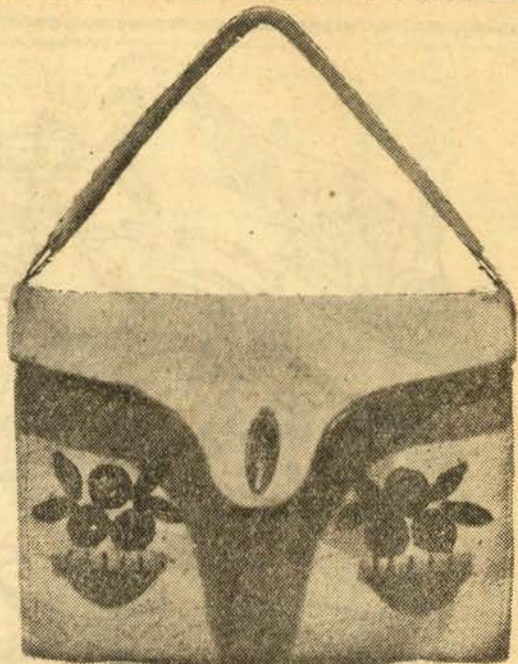
Alinhavam-se, então, as duas partes com o referido cartão entre elas, voltando um pouquinho do pano para dentro, de modo a fazer um rebordo. Depois de todo cosido, dobra-se em três partes, como se fôsse um «envelope», cosem-se com um ponto furtado as duas malores e fecha-se com uma mola.

Os cestinhos são feitos com bocadinhos de feltro aplicados nas seguintes côres: Uma flôr azul, outra verde e outra encarnada. Folhas e cesto pretos com o rebordo amarelo.

A obra é tentadora, por isso vamos buscar os retalhos que sobejaram do vosso fatinho, que mais vos agradarem e começamos a engraçada carteirinha!

Vossa

Abelha-Mestra



Hora de Recreio

Número 15
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

29 JULHO
1 9 3 7

CHARADA NOVISSIMA

1 — Observa que ela nada oferece em troca da tua existência — 1-1.

Vida Lince

SINOPADA

(Dedicada a Adriano Reis)

2 — Era cilíndrica a propriedade da granja. — 3-2.

Arre que ga Far

ELECTRICA

3 — Foi tratado com carinho nesta cidade de Itália — 2.

amor romântico Lúcas

ENIGMA TIPOGRÁFICO

4 —

Ponto cardinal

C

12 letras

Fernando R. Cunha

ENIGMA PITORESCO

5 — *Um espelho*
Sereia

A Adriano dos Reis



CORRESPONDÊNCIA

Alfredo Matos — As charadas que nos restavam não estavam em condições e, algumas indecisas, precisavam de ser verificadas e alteradas com cuidado.

Zé — Não temos já a carta a que alude e à qual pede que respondamos.

Vamos resolver o seu caso, visto já termos em nosso poder a lista do n.º 8 que nos foi entregue tardiamente com a do n.º 7.

Almerinda — Práia Carvalho — Estamos de posse de duas listas de decifrações referentes aos mesmos números. Ser-lhe-ão contadas, visto verificarmos terem vindo dentro do prazo.

Os pontos decifrados são 7 e 5, referentes respectivamente aos n.ºs 7 e 8.

Homem Sombra — Não leu, com certeza, o regulamento com atenção. Nêse se verifica que cada trabalho deve vir num papel separado e não a monte como nos enviou.

Tôda a correspondência, relativa a esta secção, deve ser endereçada a: Américo Tabora — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 63 — LISBOA.

Aquario.

